



PSICANÁLISE

Associação Francesa de Psiquiatria

W. R. Bion

Uma teoria para o futuro

Blucher

W. R. BION: UMA TEORIA PARA O FUTURO

Associação Francesa de Psiquiatria

Tradução

Lúcia Helena Siqueira Barbosa

Uraci Simões Ramos

W. R. Bion: uma teoria para o futuro
Título original: *W. R. Bion, une théorie pour l'avenir*
© Editions Métailié, Paris, 1991
© 2022 Editora Edgard Blucher Ltda.

Publisher Edgard Blücher
Editor Eduardo Blücher
Coordenação editorial Jonatas Eliakim
Produção editorial Lidiane Pedroso Gonçalves
Preparação de texto Ana Lúcia dos Santos
Diagramação Negrito Produção Editorial
Revisão de texto Vânia Cavalcanti
Capa Leandro Cunha
Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
julho de 2021.
É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Association Française de Psychiatrie
W. R. Bion : uma teoria para o futuro /
Association Française de Psychiatrie ; tradução de
Lúcia Helena Siqueira Barbosa, Uraci Simões Ramos.
– São Paulo : Blucher, 2022.
222 p.

Bibliografia
ISBN 978-65-5506-427-8

1. Psicanálise. 2. Bion, Wilfred Ruprecht.
I. Título. II. Barbosa, Lúcia Helena Siqueira.
III. Ramos, Uraci Simões.

22-4519 CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Homenagem a W. R. Bion	7
<i>Professor Jean-Jacques Kress</i>	
W. R. Bion hoje	9
<i>Simon-Daniel Kipman</i>	
1. Carta aberta a Wilfred Ruprecht Bion	19
<i>André Green</i>	
2. A vida é cheia de surpresas	29
3. A autobiografia de Bion	37
4. Bion na Tavistock	53
5. Bion: a mentalidade do grupo	63

6. Bion e uma instituição de psicoterapia popular: La Chavannerie	77
7. Bion e alguns ausentes	93
8. Novas ideias, novas teorias e mudança catastrófica	115
9. Liberdade e tirania	137
10. Místico, conhecimento e trauma	155
11. Bion e a convicção científica	173
12. O legado de Bion: as sombras e o pensamento	189
13. Memórias no presente	207
Referências	215

1. Carta aberta a Wilfred Ruprecht Bion

André Green

Caro Dr. Bion,

Em cartas anteriores, aconteceu de o senhor se desculpar pelo atraso em responder-me. Desde o momento em que adotou, em nosso primeiro encontro, e a partir de minha citação, a frase de Blanchot, “A resposta é a desgraça da pergunta”, o senhor compreenderá meu atraso. Visto que, após ter escrito, em 1979, o prefácio das “Conferências Psicanalíticas” (edição francesa das Conferências Brasileiras), eu soube de vossa morte com dolorosa surpresa. Involuntariamente, este prefácio tornou-se “As exéquias de Bion”, expressão que se deveu à vossa filha, Parthenope, como ela me disse, recentemente, em Roma.

Hoje, eu escrevo para dialogar com o senhor sobre um assunto que me leva a pedir vossa ajuda. A Associação Francesa de Psiquiatria me solicita vos apresentar, por ocasião do 10º aniversário de vossa morte. Essa celebração acontece alguns dias após o cinquentenário da morte de Freud. O vínculo entre Freud e o senhor testemunha a alta estima com a qual o público francês o distingue. Como estamos muito longe da celebração do centenário de vosso

nascimento (1997 não é amanhã), aproveitamos o primeiro pretexto para vos homenagear. Certamente, com vosso espírito realista – pessimista, diria Francesca Bion –, observareis, como eu, com certa desconfiança, o fato de celebrar a morte de alguém que admiramos. De qualquer modo, aforismo frequentemente citado pelo senhor, “ele foi coberto de honras e sombras sem deixar traço”! Se indicar o medo de conhecer tal sorte e o desejo de escapar dela, mostra que vós não tendes nada a temer da aurora do esquecimento (The dawn of oblivion).

Eis-me aqui, portanto, bem atrapalhado. O que dizer em exíguos vinte minutos? Vossa modéstia até afirmaria que é demasiado para uma obra tão humilde, comparando com a imensidão de vossa ignorância. Mas, visto de nosso ângulo, vossa obra é que parece imensa, e, sem limites, a nossa ignorância. Eu me encontro assim, na posição dos ladrões do cemitério real de Ur, da fábula contada por vós, por ocasião da primeira de vossas conferências brasileiras. “À morte do rei”, toda corte, em cortejo, entrou em uma caverna chamada, a partir de então, “O túmulo da morte”; aí, vestidos com suas mais belas roupas e adornados com suas joias, todos beberam o veneno em uma pequena taça que, depois, será encontrada junto a cada um dos corpos.

Quatrocentos anos mais tarde, sem barulho, os túmulos foram roubados. Isso representou um ato de coragem, pois o cemitério tinha sido santificado com a morte e o sepultamento da família real. Podemos ver nestes ladrões os pais do método científico, conforme Bion 1973/1974a), “os primeiros a ousarem forçar as sentinelas espirituais dos mortos e de seus sacerdotes”.¹

Não estamos a 400 anos de vossa morte, mas, apenas a 10 anos. O reino de Ur é o prefixo que designa, na obra de Freud, tudo o

1 Bion, W. R. (1973/1974). *Entretiens psychanalytiques*. PUF.

que decorre do inaudito e do originário, o domínio da psicanálise que tendes tanto ajudado a conhecer. A tumba real é aquela onde vós repousais com vossas obras. O ladrão, que sou eu, tem tantas riquezas sob seu olhar que não sabe o que escolher para carregar, pois o que ele tem diante de si é muito mais que sua sacola pode conter. O conteúdo não cabe no continente, é preciso seleccioná-lo, de fato.

Então, escolhi falar de uma parte pouco conhecida de vossa pessoa (outros falarão de vossa obra): é a parte de vossas relações com a França. Creio recordar que o senhor me disse, ao longo de uma de nossas conversações, que teríeis origens francesas longínquas, vindo daí a sonoridade de vosso nome. A França entra em vossa vida sob o signo do horror. Foi na Batalha de Cambrai, em que servistes no Regimento Real de Tanques, em 1917, que conhecestes as angústias impensáveis de ser queimado vivo neste continente de ferro e aço, que não permite escapatória alguma. Dura prova para um homem jovem de 19 anos. Vossa coragem equivale a duas decorações: a muito estimada DSO (Distinguished Service Order) e a que vós jamais vangloriastes diante de mim: a Légion d'honneur. O senhor consagrou a essa espantosa carnificina uma parte importante de vossa autobiografia. Enquanto, em outros livros empregastes, de bom grado, o estilo fantástico, a vossa relação com a Primeira Guerra Mundial é de uma sobriedade e de um pudor acentuados, minimizando vossos méritos. Mais tarde, em outro livro, o senhor citou Tartarin de Tarascon. Sua consciência o proclama: “Cobre-te de glória”, enquanto escuta outra voz lhe dizer: “Cobre-te com flanela”. O senhor não violou a regra do “understatement” britânico. Essa experiência o terá marcado por toda a vida. Terá sido ela a responsável pela vossa aparência, que ousarei qualificar como depressiva? Ou, então, como é mais provável, não terá ela feito senão atualizar os traços que devem remontar à vossa Ur-infância? Sem dúvida. É preciso ainda recordar que Aristóteles

já sublinhava a frequência com a qual os seres ilustres eram levados à melancolia. Mas deixemos os horrores da guerra e voltemos às delícias da paz.

O senhor passou um ano em Tours – não sei mais quando –, onde estudastes literatura francesa, coberta por Anatole France. Mais ainda, ensinastes história moderna e o francês na velha escola Bishop's Stortford College, no retorno de Oxford, onde permanestes de 1919 a 1921. E dizer que, ao longo de todos os nossos encontros, o senhor jamais pronunciou uma só frase em nossa língua, deixando-me penar com o meu inglês de ocasião!

Nenhuma pessoa que escreveu sobre o senhor, após vossa morte, disse alguma coisa sobre vossa relação com a França. Contudo, fizestes alusão, na última página do “Rêve”, a um ano de estudos na Universidade de Poitiers, colocada aí no lugar de Tours. Porque cada pessoa a essa altura coloca-o como britânico e tão impregnado de poesia inglesa! Francesca cita vosso gosto por Milton, Shakespeare, Keats, Shelley, aos quais se junta alguém do continente, Virgílio. Poderíamos imaginar, com razão, que o senhor jamais ouviu falar de Ronsard ou de Victor Hugo. É verdade que tornastes célebre a expressão de Keats sobre a “Capacidade do Negativo” que Shakespeare possui, mas esta não é uma razão para reforçar vossa autoacusação de ignorância.

[N.T.]. “De repente, fui atraído pela qualidade essencial à formação de um Art Man realizado, parcialmente, em Literatura, e que Shakespeare possuía em um grau enorme” – quero dizer, “a Capacidade Negativa, ou ainda a de permanecer dentro de incertezas, Mistérios e dúvidas, sem procurar buscar fato e razão”.

Nós nos encontramos, pela primeira vez, no Simpósio de Topeka sobre os estados limítrofes, organizado pela Fundação Menninger, em abril de 1976. Eu havia dedicado à sua obra um seminário de um ano no Instituto de Psicanálise de Paris, em

1970-1971, e padeci tanto com vossos escritos (não traduzidos àquela época) que eram, ao mesmo tempo, profundos e difíceis. Mas defrontei-me com um pensamento verdadeiramente original, autenticamente novo e impregnado de experiência psicanalítica mais exigente e a mais ética. Eu destaco esse ponto.

Desde que conheci o senhor, fui tomado pelo fato de que o homem – não é sempre o caso – não era inferior, à obra, em qualidades. Já me haviam falado de vós. Eu encontrei no senhor mais doçura do que autoritarismo, mais abertura que opiniões fechadas, mais tolerância que dogmatismo. Meu entusiasmo era tal que fui acusado por um eminente colega de idealizá-lo. O fato é que eu não o idealizava.

Após tê-lo visitado em Los Angeles, onde o senhor, amigavelmente, me fez ver o jardim, o que tomei como um sinal de grande intimidade, e presenteou-me com seu último livro, eu o convidei a vir a Paris, o que o senhor fez em 1978. Nós começamos a nos corresponder. Pelo que se seguirá, espero que me autorizéis a usar nossa correspondência, isto é, as cinco cartas que possuo escritas de 1976 a 1979. Hoje, relendo as cartas, atribuo a elas uma ressonância afetuosa e paternal discreta, mas sensível. Àquela época, tinha tanta admiração e respeito pelo senhor que não percebia muito nitidamente os sentimentos humanos que me transmitias sob o disfarce de comunicar reflexões gerais e sempre profundas.

Hoje, aqui, esperávamos o Bion da teoria do pensamento e tivemos direito ao Bion das *Mémoires du Futur*, para as quais nada havia preparado o público, atraído pelas traduções recentes de vossas obras. Também, como um verdadeiro psicanalista, o senhor não estava onde nós o esperávamos e, assim, criáveis a surpresa que busca uma interpretação eficaz.

Ao retornar de Paris, em uma carta, o senhor respondeu a uma de minhas observações sobre as relações entre a visão

macroscópica e microscópica, e a fronteira que as separa, e escreveu-me: “Racine, em Fedra, não nos forneceu uma indicação? Ele descreve uma tempestade afetiva, mas o fez com uma perfeita polidez”. O senhor interessava-se, àquela época, pela turbulência emocional. Na verdade, aos cataclismas do pensamento. O senhor me deu vossas impressões da leitura sobre René Char, *Furor e mistério*, que eu lhe apresentara, o que foi motivo de vossa paixão. O senhor opunha a simplicidade da prosa de Leconte de Lisle (do qual procuravas a tradução da *Ilíada*, ainda que conhecesses a tradução da Odisseia) à rica complexidade da poesia de René Char. O senhor me falava do interesse por Patrice de La Tour du Pin. Com uma aproximação audaciosa, o senhor comparava o olhar pagão de Homero aos poemas impregnados de pensamento cristão de Du Pin e de Gerard Manley Hopkins de um lado e os poemas pré e pós-islâmicos, de outro. O senhor se surpreendia com a intolerância religiosa do Corão para com judeus e cristãos. A Índia de vossa infância tinha, pelo Islã, uma significação nova. O senhor nos convidava a aprofundar nossas reflexões sobre a onipotência para compreender o homem. Nossas pesquisas, pensava o senhor, são apenas um grão de cinzas nesta gigantesca tempestade. Uma expressão que retomas sempre em vosso texto, o que também caracteriza o sentido que o senhor dá à psicanálise, é o esforço para alcançar a civilização. Os neurobiologistas falam de cérebro reptiliano. Vossas *Mémoires du Futur* colocarão em cena os dinossauros que habitam em nós. Estes, não foram certamente, os mais cruéis dos monstros. Aliás, eles eram vegetarianos. Hanna Segal relatou-me que, em Los Angeles, mencionou certa vez uma das vossas afirmações passadas, em que declaráveis que a psicanálise tinha por objetivo alcançar a mudança no aparelho psíquico, que lhe permitisse aprender com a experiência. O senhor, sorrindo, teria lhe respondido: “Você sabe, é, sobretudo, como se você capturasse um tigre, dizendo a ele ‘gentil pussy cat’”. O senhor inverte, dessa

forma, o julgamento de alguém a quem me ocorre, frequentemente, comparar-vos: Jorge Luis Borges. Ele disse que Deus havia dado um gato ao homem para poder acariciar o tigre. Permita-me uma trivialidade, lembrando esta célebre publicidade: “Coloque um tigre em seu motor” (Put a tiger in your tank). Nós, os psicanalistas, sabemos que isso já acontece, ainda e sempre.

Vossa familiaridade com as pessoas do mundo das letras vos fez o analista de Beckett, como o revelou uma biografia publicada à época de nossa correspondência. Que essa biografia tenha sido escrita em nossa língua, dá-lhe o estatuto paradoxal de um dos maiores escritores contemporâneos de língua francesa, mesmo que descenda de James Joyce.

Logo que tomei consciência da importância que a poesia tinha para o senhor, eu me permiti presentear-lhe com a antologia da poesia francesa de Robert Sabatier. Eu não sabia, à época, que o senhor construía o projeto de compor uma antologia de poesia para uso dos psicanalistas. O senhor chegou mesmo a escrever a introdução dessa antologia, da qual Francesca Bion publicou alguns fragmentos. Nessa introdução, o senhor escreveu: “Eu me dirijo aos poetas porque eles me parecem dizer alguma coisa que está além de minha capacidade e, entretanto, fazem-no de tal maneira que eu mesmo a escolheria se tivesse capacidade”. Então, o senhor compartilha com Winnicott a ideia de que a poesia é uma das disciplinas fundamentais para o conhecimento do psiquismo.

Quando recebeu a antologia de Sabatier, o senhor me disse de seu interesse e fascínio na leitura do primeiro volume, que ia até a Idade Média e que teve tempo de ler em Maroutal, um departamento de Dordogne, Aquitaine, France, em que Bion passou férias. O senhor manteve a esperança de que a clareza do pensamento francês se estendesse a toda a psicanálise. Eu vos cito:

Creio que Freud estava impedido, mais do que tinha consciência, pela pobreza da comunicação verbal germânica. Eu me lembro de Wickham Steed, à época editor da Times, dizendo que, durante muito tempo, foi marcado pela profundidade da filosofia alemã, até que compreendeu que a “profundidade” do pensamento germânico era um artefato produzido pela ausência de um pensamento claro. Ao contrário, o que ele havia tomado como superficialidade do pensamento francês era, de fato, uma impressão própria da clareza de expressão do gênio francês.

Esse comentário severo sobre a língua não atingia a música. E, se o senhor exprimia algumas reservas com relação a Wagner, não cessava de admirar as maravilhas de Bach.

Em resposta a uma de minhas observações sobre o babelismo na psicanálise, o senhor me respondeu que cada nação (raça, grupo, indivíduo) devia, primeiro, afastar sua própria concepção da psicanálise antes que ela se tornasse, verdadeiramente, uma “Psicanálise Internacional”. Freud ficou inquieto com as dissidências que dividiam os psicanalistas, o senhor se lembra, ele esperava, ao contrário, uma integração. O senhor espera que, talvez, ela virá um dia “se não formos antes aniquilados da superfície da Terra”.

Voltemos à limpidez francesa que o senhor tanto preza. Recordo-me que, por ocasião de vossa curta estadia em Paris, após termos visitado a exposição de Cézanne, o senhor resistiu bravamente a um bando de visitantes, e fomos tomar chá naquele domingo de tarde. Ali, devorando apetitosamente um doce ao creme Chantilly, o senhor me disse, entre dois bocados e para minha grande surpresa: “O que você pensa de Descartes?”. Tive de engolir atravessado, tal foi minha surpresa. Minha resposta não tem

importância alguma. Em compensação, observei que o senhor aproveitou as poucas horas de liberdade que lhe restavam para consultar, no Beaubourg, as diferentes edições do *Discurso sobre o método* e compará-las.

Só compreendi posteriormente vosso interesse pela filosofia francesa – um traço comum com Lacan, a quem se costuma compará-lo, ainda que outros os oponham a ele, em todo caso, vós sois mutuamente ignorados. O que lhe apaixonava em Descartes era o esforço de atingir “ideias claras e distintas”. Para o senhor, os poetas, Bach e Descartes eram mais psicanalistas que muitos psicanalistas oficiais.

Hoje, a psicanálise francesa está decidida a vos reconhecer como um de seus grandes pensadores. E mais, sem dúvida, há dez anos que o senhor desapareceu, à inglesa, no dia 8 de novembro de 1979, de Oxford. Eu espero que aí onde o senhor esteja, nesse cemitério de Happisburgh, sobre as altas falésias de sua Norfolk bem-amada, acima do Mar do Norte, não vos falte nada.

Em todo caso, para mim, o senhor faz falta. Não só vossos livros, vossas cartas ou nossas conversações, mas o senhor. Tenho a nostalgia de não podermos mais ter juntos um bom almoço, bem regado e, maravilhosamente, concluído com um Havana. O senhor foi, verdadeiramente, um “jolly good fellow”. Não sorria. É verdade. Vamos lá, devo deixar-vos para preparar esta apresentação.

Até logo.

Sincerely yours.

Paris, 21 de outubro de 1989

2. A vida é cheia de surpresas

Introdução

Bion, para além dos dramas e das mudanças em sua vida, foi um homem fiel aos seus engajamentos, aos seus amigos e às suas ideias. Esse contraste entre a constância e os sofrimentos é uma das maneiras de dar conta de sua tendência à melancolia. Sem dúvida, a ligação se dá aí.

Não é de surpreender que se incomode e tranquilize-se o homem que sofre e que assume esta vida. O homem afável e curioso está sempre disposto a discutir com seus interlocutores os assuntos mais diversos. Sua cultura é imensa e variada. Leu muito e viu muito. Ele tem um “charme” e um carisma que dizem dele o que ele é, desde o primeiro encontro: um ser extraordinário. Nunca nos esquecemos de seu olhar penetrante, seu discurso, às vezes, indeciso e incisivo. Viver com ele é uma grande aventura.

A vida é cheia de surpresas

Francesca Bion

O título que dei à homenagem que faço a Bion, pelo 10º aniversário de sua morte, exprime o que foi minha vida após nosso encontro, há quase 40 anos. O que mais me surpreende foi ter descoberto que eu era a pessoa com quem ele queria passar o resto de sua vida. Os anos que se seguiram foram uma fonte extraordinária de surpresas sem fim; quaisquer que sejam as dificuldades vividas com um gênio, recomendo a vivência calorosamente; uma experiência intensa como nenhuma outra. Se eu tenho hoje um pouco de sabedoria e coragem, eu as aprendi com ele, como tomamos sol pelos poros da pele.

Ele tinha uma presença indefinível – alguns chamavam “aura” – e deixava uma impressão inesquecível aos que o encontravam e discutiam com ele. Mesmo os que o tinham visto somente durante uma única consulta profissional, muitos anos mais tarde sentiram-se obrigados a declarar que esse encontro havia sido uma experiência que mudou suas vidas.

Trata-se aqui dessa coisa misteriosa que chamamos “gênio”, a capacidade de fazer com que as pessoas vejam as coisas de um modo novo e, então, de mudar sua visão para sempre. Isso não significa, é claro, que ele tenha sido universalmente amado, longe disso. Os sentimentos que despertava eram tão fortes que não provocavam outra coisa senão reações violentas. Frances Tustin escreveu em “Souvenirs d’une analyse personnelle avec le Docteur Bion”: “... eu pensava que nunca encontraria uma pessoa que detestasse tanto. Entretanto, durante a primeira semana, mudei de opinião. Um sentimento de medo me fez dizer: ‘recebo aqui algo raro’”.

Seu semblante tinha uma expressão solene e mesmo severa; ele levava a vida muito seriamente e adotava, raramente, um sorriso

socialmente aceitável que seduzisse os outros e passasse por uma companhia alegre, coisa que a maioria de nós aprende na infância. Isso estaria em contradição com o respeito que ele mantinha pela verdade e pela sinceridade. Desde que não fundamentadas na verdade, as relações sociais se rompem; a relação analítica se torna impossível. Ele escreveu: “o processo psicanalítico pressupõe que a saúde do paciente tenha necessidade constante da verdade tanto quanto a sobrevivida física tem necessidade de alimento”. Podemos dizer, certamente, a mesma coisa da saúde do analista.

Ele tinha um senso de humor surpreendente: uma visão que permanecia imperturbável; seus olhos tinham um brilho malicioso porque mantinha um sentido agudo do ridículo. Podia ser excessivamente engraçado, de uma maneira irônica que era só dele. Nunca era possível prever que espécie de reflexão ele ia fazer, e tenho certeza de que os que o conheceram, seja no plano profissional ou social, estariam de acordo comigo. Constantemente, surpreendi-me por 38 anos. Albert Mason se lembra de um exemplo bem preciso: “eu me lembro de inúmeras horas de vigília passadas com ele, mesmo passados 20 anos. Por ocasião de nosso primeiro encontro, contei a ele que meu paciente se levantava no meio da noite e acendia a luz para ver se estava em sua cama. Bion acariciou o bigode, como tinha o hábito de fazê-lo, e disse, piscando os olhos: ‘muito bem, todos nós temos direito a uma segunda opinião’”.

Quando nos casamos, em 1951, ele tinha 53 anos. À época, só havia publicado alguns artigos sobre a guerra, um amontoado de artigos que viriam a ser o livro *Experiências com grupos* e sua exposição para membro da Sociedade Britânica de Psicanálise: “Os gêmeos imaginários”. Ele havia passado grande parte de sua vida adulta sob duas guerras, estudando história e medicina, a prática analítica e sua análise pessoal (às vezes, antes e depois da Segunda Guerra Mundial). Então, na idade em que quase todo mundo se

estabelece em sua profissão, ele estava no início de um período excessivamente produtivo e criativo, que deveria durar quase 30 anos e até sua morte. Atualmente, contamos 17 livros escritos, conferências e seminários – e há ainda outro a ser lançado, que nomeou “Reflexões”: são pensamentos que dormem no papel, acrescidos de uma prática psicanalítica em tempo integral. Deixa uma obra extraordinária, o que é mais surpreendente, uma vez que ele passou uma dezena de anos de sua vida em um ambiente e em uma cultura completamente novos, com todos os problemas de adaptação que isso implica. Ele declarou amar a “vida tranquila”, mas, de fato, jamais poderia recusar um desafio.

Ele escreveu a maioria de suas obras durante fins de semana e férias. Algumas vezes, ele compunha um livro ou um artigo à noite, em sua cabeça, levantando-se mesmo para anotar suas ideias, de medo que desaparecessem como um sonho que se esquece.

Em 1968, quando nos pediram para irmos a Los Angeles, onde havia manifestações de crescente interesse pela obra de Melanie Klein, nossa decisão de deixar a Inglaterra não foi tomada levianamente ou com expectativas. As reações da comunidade de analistas foram atenuadas: uma grande surpresa mesclada, mais ou menos, de incompreensão, desaprovação, remorsos e, talvez, de admiração pela sua coragem. Esse desafio revelou-se maior do que o que ele havia considerado. Aos 70 anos, defrontava-se com uma tarefa impressionante: trabalhar em um país estrangeiro, “registrado como estrangeiro”, sem qualificação e, relativamente, desconhecido; a chance de fazer sucesso parecia verdadeiramente minúscula nos primeiros anos. Mesmo no final de 1971, ele escreveu: “as relações entre mim e meus colegas poderiam ser, praticamente, descritas como uma falha. Eu os decepiono e eles não me compreendem – mas têm respeito pelo que não compreendem. Se não me engano, há mais crença que compreensão ou simpatia pelos meus

pensamentos, minha personalidade ou minhas ideias. Não há dúvida de que a situação emocional não poderia ser melhor se fosse a outro lugar”. Com efeito, quaisquer que fossem as dificuldades, a Califórnia ofereceria ambiente, ao mesmo tempo, emocional e físico que lhe permitiria liberar-se, desenvolver-se individualmente, ter o que chamava “pensamentos selvagens”, e ofereceria conjecturas imaginativas.

Esse foi um período fértil. Ao lado de uma prática em tempo integral, com conferências, seminários e viagens profissionais a Buenos Aires, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Roma, Paris e Lion, e a outros lugares dos Estados Unidos, ele escrevia sua autobiografia e três livros das “Mémoires du futur”. Encontrávamos até tempo para nadar e caminhar todos os dias, escutar música, encontrar os amigos, sem nos esquecermos os prazeres da comida e do sono.

A primeira parte de sua autobiografia descreve, de maneira viva e emocionante, os horrores que experimentou na juventude, ainda que fosse quase um escolar, por ocasião do massacre de toda uma geração de jovens, durante a Guerra Mundial. Podemos dizer que ele poderia ter sido uma das numerosas vítimas dessa guerra: “corpos vivos, mas almas definitivamente mortas”. Na realidade, o que ele vivenciou deixou cicatrizes amargas e lembranças cheias de fantasmas; porém, sua extrema sensibilidade tinha força e solidez moral imensas; ele poderia continuar a claramente até sob um ataque, mesmo que fosse físico ou verbal. Resumindo, ele tinha qualidades essenciais de um psicanalista.

A *Trilogia*¹ é uma obra apaixonante e perturbadora, impossível classificar. Ela explora numerosos aspectos dos esforços humanos: é uma autoanálise, o relato de experiências de toda uma vida, sob

1 *Memória do Futuro*.

a forma de diálogos. Diferentes personagens exprimem as numerosas facetas de sua personalidade e de seu pensamento: é uma discussão consigo mesmo – podemos dizer “um one-man show”. Ao mesmo tempo, nós reconhecemos entre todas as “*dramatis personae*”. Eu me lembro de minha excitação e de meu assombro na leitura desse livro logo que, por assim dizer, saiu na imprensa. Estou certa de que ele não poderia ter escrito se tivesse ficado na Inglaterra ou se se sentisse incomodado pelas tentativas feitas para controlar e neutralizar sua influência perturbadora. Ele tinha necessidade de se libertar das importunações do trabalho administrativo, dos congressos e da inútil controvérsia, para concentrar toda a sua energia na reflexão, na leitura (ele raramente lia coisas sobre a psicanálise) e nos momentos de relaxamento em família. Um editor americano, que recusou, mais tarde, a primeira parte, “O Sonho”, pediu-lhe que escrevesse uma “Introdução Explicativa”. Os pedidos de explicações sobre o que ele dissera ou escrevera o impacientavam sempre: ele nunca era, deliberadamente, obscuro; considerava que havia apresentado seus trabalhos de maneira a mais clara possível – não necessariamente com sucesso, mas da melhor maneira que podia. Entretanto, nessa ocasião, ele escrevia uma introdução e um epílogo (que nem sempre são publicados, mas que serão incluídos na nova edição em um volume preparado por Karnac Books of London).

O epílogo exprime um pouco suas exasperações e também certo cansaço – é desencorajante ouvir dizer que somos, na melhor das hipóteses, ou na pior, “incompreensível e louco”. O epílogo começa assim: “Em toda a minha vida fui abafado, frustrado, perseguido pelo senso comum, a razão, as lembranças, os desejos e, o que é uma praga, a exigência de compreender e ser compreendido. Esse epílogo é uma tentativa de exprimir minha rebelião, de dar as costas a tudo isso. Meu desejo, eu me dou conta, agora, está fadado ao insucesso que é escrever um livro que não seja desperdiçado por

nenhum traço de senso comum, de razão, de lembranças e de desejos. Ao mesmo tempo, desejo escrever: “Abandonem as esperanças, todos vocês que esperam fatos científicos, estéticos ou religiosos neste livro”, não posso dizer que tenha tido sucesso. Tudo isso, temo, deixou traços, vestígios, fantasmas escondidos nas palavras; até mesmo o bom senso, como a alegria, introduziu-se habilmente. Mesmo que minha tentativa tenha sucesso, sempre haverá o risco de que o livro se torne respeitável, conveniente e não seja lido”.

Certamente, há certa ironia nisso tudo. À época em que escrevia os livros dois e três, havia, provavelmente, uma visão diferente do conjunto da obra. Mas penso que isso mostra claramente qual era seu estado de espírito na época e que o empurrava a tomar essa nova direção.

É verdade que seus trabalhos exigem muito do leitor. Em *Reflexões*, ele escreve: “... aviso: o leitor pode, sem dúvida, ter a impressão de que o que ele lê é obscuro e difícil. Tendo em conta as dificuldades intrínsecas ao objeto, acredito que uma grande parte do que parece obscuro e difícil, na primeira leitura, será pouco a pouco menor se o leitor se comprometer a não levar muito tempo para ir até o fim quando não compreender alguma coisa; penso que, assim, ele terá uma visão clara do conjunto e poderá voltar às primeiras dificuldades e compreendê-las melhor... Posso, ao menos, prometer que ele não terá perdido seu tempo porque eu tenha vendido o meu”.

O que interessava, antes de tudo, era estimular a reflexão e a curiosidade de outro. Ele sabia que não havia “respostas”, mas só perguntas. Consequentemente, parecia não responder, muitas vezes, às questões que lhe colocavam; porém, se a pessoa que as colocava pudesse conter sua impaciência e escutar, refletir, gradualmente, tornar-se-ia evidente que a “não resposta”, de fato, esclarecia o campo da resposta e, mais, de um modo como o da torre

circular que leva o viajante ao ponto de partida, mas que é visto, doravante, como um conhecimento aumentado e a experiência adquirida durante a viagem.


Ele ficaria surpreso (e honrado) com este congresso hoje. Estou contente por estar aqui para falar dele, e espero que não o tenha traído. Eu lhe quis ser fiel e impedir que, com o passar do tempo, deformem-se as lembranças que tenho dele.

Agradeço ao Professor Kress, ao Dr. Kipman e aos seus colegas por me convidarem a exprimir o respeito que tenho ao homem e à sua obra, os dois queridos em meu coração.

As palavras de um poema de John Donne (apenas muda o sexo) exprimem meus sentimentos de maneira bem mais emocionante do que eu pudesse jamais esperar fazer:

“Tu não saíste, depois de tua partida: onde quer que estejas./
“Tu deixaste nela teus olhares atentos, e nela teu coração amoroso.”

(traduzido do inglês por Isabelle Daverat)



A obra de W. F. Bion não é uma obra fácil. Ela não se presta a uma exegese, palavra por palavra, mas é uma obra em que se pode seguir sua construção, podem-se identificar as linhas de força, os pontos nodais sobre os quais Bion, incansavelmente, passou e repassou, mudando de enfoque, de estilo, de ponto de vista e de vértice. São trabalhos brilhantes, que cintilam e cegam, imediatamente, desde o início, desde o seu aparecimento, ou desde que foram enunciados. Neste livro, encontramos reflexões e homenagens feitas pelos pesquisadores da Associação Francesa de Psiquiatria em homenagem à pessoa e ao pensamento de Bion. Com robustas considerações, são apresentados pontos-chave do pensamento bioniano até seu legado para a psicanálise contemporânea.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-427-8

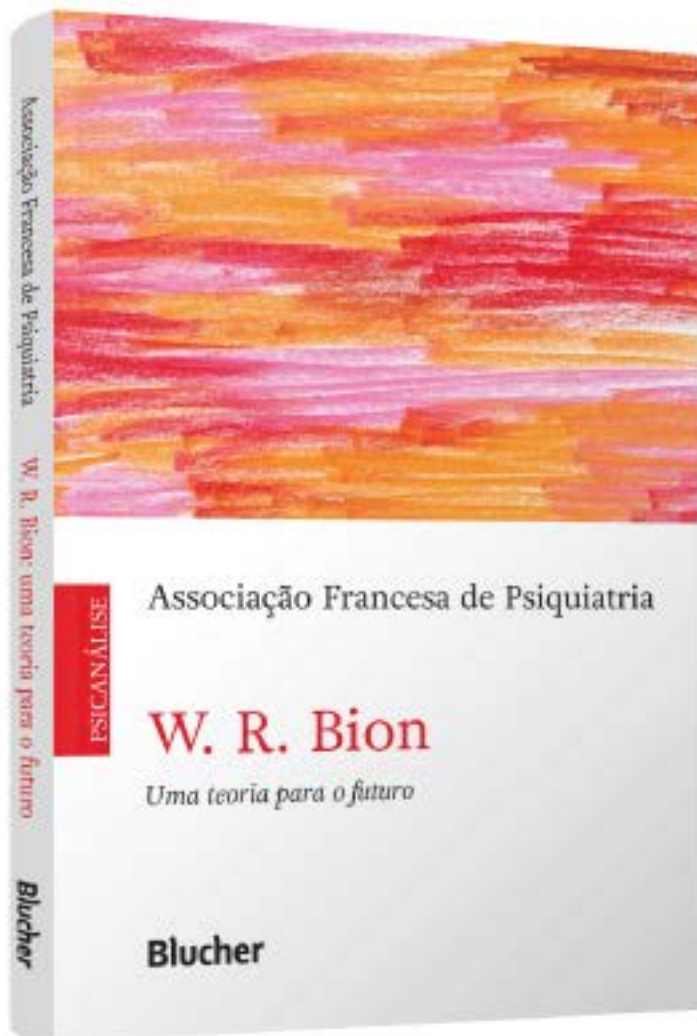


9 786555 064278



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

W. R. Bion

Uma teoria para o futuro

Associação Francesa de Psiquiatria

ISBN: 9786555064278

Páginas: 222

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022
